



RELATO DE
EXPERIÊNCIA

UMA REFLEXÃO ACERCA DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE A ÁFRICA NO CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

A REFLECTION ON STEREOTYPES ON AFRICA IN THE CONTEXT OF FOREIGN LANGUAGE TEACHING

Heide Matos Duarteⁱ

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Lívia Baptistaⁱⁱ

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Resumo: Em consonância com as premissas de uma Linguística Aplicada moderna e brasileira, em que se faz necessário direcionar o olhar para as relações entre linguagem e vida social, entendemos com esse trabalho que o processo de ensinar e aprender línguas deve levar em consideração a(s) cultura(s) e identidade(s) dos sujeitos envolvidos, dando atenção, assim, às marcas de interculturalidade presentes nessas interações. Sendo assim, neste artigo apresentamos uma análise a respeito dos estereótipos reproduzidos e construídos pelos brasileiros sobre a África e os africanos, em um contexto de ensino e aprendizagem de línguas, em situação de imersão na cidade de Salvador, entre o período de 2017 e 2019, durante o curso de Português como Língua Estrangeira (PLE) do Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA (PROFICI). A opção por esse cenário de pesquisa deveu-se à necessidade de uma promoção e reflexão para o ensino de línguas de forma contextualizada e socialmente orientada. Dessa forma, a partir de relatos de experiências de estudantes, buscamos identificar e problematizar a presença desses estereótipos, priorizando como eles se manifestavam nas interações diárias desses alunos africanos e como interferiam nos processos identitários desses sujeitos.

Palavras-chave: Ensino de Línguas. Estereótipos. África. UFBA.

Abstract: In consonance with the premises of a modern and Brazilian Applied Linguistics in which becomes necessary to look at the relationship among language and social life, in this present work we understand that the process of teaching and learning languages must take into consideration many cultural aspects and identities of the participants, highlighting the interculturality stamps present in those interactions. Therefore, in the current paper, we show an analysis about the stereotypes reproduced and built by Brazilians about Africa and Africans, in the context of language teaching and learning, while immersed in the city of Salvador, from 2017 to 2019, during Portuguese as foreign language classes, by the Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA (PROFICI). The option for this research scenario was due to the need to

promote and reflect on language teaching in a contextualized and socially oriented way. Consequently, from the students' empirical reports, we aimed to identify and debate the presence of these stereotypes, prioritizing the way they manifested in daily interactions of those African students and how they interfere into the identity process of the very same individuals.

Keywords: Language teaching. Stereotypes. Africa. UFBA.

Introdução

Este trabalho apresenta um recorte dos resultados e reflexões de uma pesquisa de mestrado realizada entre os anos de 2017 e 2019, que disserta sobre os estereótipos construídos pelos brasileiros a respeito da África e os africanos. O racismo e preconceitos que se materializam nos discursos rotineiros, embasados pela desinformação a respeito do continente em questão, fizeram parte das vivências dos alunos africanos do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), estudantes do curso de Português como Língua Estrangeira (PLE) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o Programa Especial de Monitoria de Português como Língua Estrangeira (PROEMPLE), pertencente ao Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA (PROFICI).

Assim, a partir dos relatos de experiências gerados, constatamos a presença de estereótipos negativos sobre a África que, depois de analisados, foram relacionados aos processos de (re)significação das identidades destes estudantes africanos, que aprendem o português em situação de imersão na cidade de Salvador durante um ano.

Portanto, busca-se apresentar quais foram os estereótipos que surgiram nestes processos de interação, respondendo à seguinte questão: como os alunos africanos compreendem, em suas experiências, dentro e fora da sala de aula, a construção de suas identidades como africanos a partir do contato com os estereótipos que as pessoas revelam sobre eles? Posto isso, buscaremos não só analisar os estereótipos que surgiram, essas (re) construções identitárias, mas também ressaltar a importância das aulas de línguas como um espaço para combater as injustiças sociais causadas por processos violentos de aculturação, escravização e apagamento da história dos povos negros africanos no Brasil.

Para tal análise, buscou-se um aporte teórico nos estudos da Linguística Aplicada contemporânea e brasileira, mas também indisciplinar, além das teorias sobre cultura, ensino e aprendizagem de línguas, identidade, raça e alteridade. Baseados,

consequentemente, em uma metodologia de pesquisa qualitativa, partimos dos relatos de experiências desses alunos, a partir de entrevistas semiestruturadas, além de questionários, utilizados em um primeiro momento, e que serviram para descrever o perfil dos participantes. Esses relatos de experiência, segundo Clandinin e Connelly (2011), estão relacionados ao entendimento da experiência como as histórias que são vividas e narradas pelos indivíduos e, por isso, a pesquisa narrativa tem como objetivo compreender e interpretar as vivências pessoais e humanas além de esquemas fechados, quantificáveis ou recortados; portanto, a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Nesse sentido, afirma-se que os relatos de experiência não apresentam a informação sobre algo, um saber simples, informativo, mas sim, vão além e lidam com aquilo que o sujeito experimenta, vive. Desta maneira, ressaltamos que não temos acesso direto à experiência, porém podemos nos inscrever em um movimento que envolve interpretação em duas direções, auto-interpretação e co-interpretação (JOSSO, 2004, p. 54). Assim, se não podemos acessar diretamente a experiência, podemos aceder a ela através de processos, entre os quais, por exemplo, os narrativos que desencadeiem práticas de interpretação como as postuladas por Josso (2004).

Quanto à narrativa, conforme Bruner (2002, p. 16), o ser humano possui a capacidade de “organizar e comunicar sua experiência de forma narrativa”. Dessa ótica, por meio da elaboração de mitos e histórias e ao escutar as produzidas pelos demais, lidamos com nossa experiência e imprimimos sentidos a nossa realidade. Por isso, narrativas e histórias são uma forma de organizar a experiência humana e o pensamento, ou seja, constituem conhecimento sobre essa própria forma. Para Bruner (1990), através das narrativas nos constituímos, nos modificamos em quem somos, nos transformamos constantemente, e, por isso, o interesse em privilegiar a perspectiva dos sujeitos envolvidos nesse processo, especialmente, aquelas perspectivas geradas na forma de narrativas sobre si mesmos.

Desse modo, é estabelecida uma relação entre a experiência, a construção de sentido e a memória, em um constante processo de interpretação e reinterpretação de experiências subjetivas pelos sujeitos. Ademais, entendemos que as narrativas são fundamentais por possibilitarem vislumbrar como a experiência é rememorada e interpretada pelos sujeitos, uma vez que não temos o acesso direto a essa, como já dito;

contudo é possível atingi-la por meio de interpretações nas quais os sujeitos sejam levados a uma prática reflexiva a partir de uma perspectiva singular sobre o vivido e o experienciado. Por isso, concordamos com Muylaert (2014, p. 197):

[...] As narrativas são uma forma dos seres humanos experienciarem o mundo, indo além da simples descrição de suas vidas, pois ao repensarem suas histórias – as que contam e ouvem – refletem quem são reconstruindo continuamente significações acerca de si.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, esta foi realizada com alunos exclusivamente do PEC-G, que tem como países participantes, em sua maioria, aqueles do continente africano. Este programa de intercâmbio possibilita que os alunos estudem português no Brasil em cursos de extensão de universidades públicas brasileiras, como a UFBA, com o intuito de prestar o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, o CELPE-Bras, e, depois, passam a cursar uma graduação em instituições brasileiras de ensino superior, públicas ou privadas. Fica evidente, então, que o propósito do programa PEC-G é possibilitar que estudantes de outros países possam estudar no Brasil, promovendo, desta forma, entre outros positivos desdobramentos, a Língua Portuguesa no mundo.

Assim, estes participantes constituem um grupo de oito alunos, que, voluntariamente, participaram das duas etapas, quais sejam, a da aplicação de um questionário de sondagem e a entrevista semiestruturada, produzindo os relatos de experiências. Destes oito alunos, apenas dois eram do gênero feminino e o restante, masculino, com idades entre 19 e 28 anos. Dentre os países de onde estes estudantes são originários, destacam-se o Gabão, Congo, Benim e Togo, locais onde as línguas nacionais e locais são o francês, inglês, yomba, mina, entre outras.

Quanto à geração de dados, essa ocorreu em três momentos, começando pela aproximação e primeiros contatos, nos cinco meses iniciais, entre fevereiro e julho de 2018, com os alunos participantes. Depois, houve a aplicação do questionário de sondagem sobre o perfil individual desses alunos, que serviu, também, para descrever o perfil desses discentes, o que orientaria inclusive, a estrutura das entrevistas e produção das narrativas, assim como a análise dos dados em geral.

Na segunda fase, a entrevista, estes alunos relataram suas experiências como estrangeiros em Salvador, com ênfase na narração de fatos e acontecimentos voltados às questões de choque cultural e preconceitos, tendo em vista as culturas e línguas em contato

e, principalmente, os estereótipos sobre as culturas e identidades africanas desses sujeitos. Esses relatos de experiências foram gravados a partir de uma entrevista oral e semiestruturada, e, depois, transcritos para serem analisados cuidadosamente, com o propósito de identificar os estereótipos emergentes sobre a África e o africano.

A geração dos dados, portanto, se deu por meio de entrevistas combinadas com cada aluno, individualmente, decidindo por um encontro na Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa, na UFBA, no período oposto às aulas do PROFICI/PROEMPLE. Os relatos foram gravados e, depois, transcritos, e a entrevista foi semiestruturada, para direcionarmos as respostas a algumas questões pontuais, a fim de responder ao problema e às perguntas desta pesquisa. Porém, durante as conversas e gravações, as perguntas das entrevistas foram sendo reestruturadas, a depender da compreensão de cada aluno. A entrevista foi organizada em nove perguntas, mas escolhemos destacar, neste artigo, as seguintes: “Quais os estereótipos sobre a África?” e “O olhar do outro (brasileiro) (re)significa o ser Africano?”. Posto isto, a partir dos relatos, identificamos e selecionamos as respostas que responderam objetivamente a estas questões.

Assim, analisou-se, como se pretendia, como as identidades desses sujeitos/alunos são (res)significadas, por eles, a partir da percepção que têm dos estereótipos revelados, por outros sujeitos, sobre as culturas africanas. Foram analisados, portanto, de forma pontual, o olhar e as construções do outro sobre a África e os sujeitos africanos, levando à conclusão de que “o que nós percebemos da língua e cultura de uma pessoa é aquilo a que estamos condicionados por nossa própria cultura e os modelos estereotipados construídos ao nosso redor” (ZOGHBI, 2008, p. 3).

1 Desenvolvimento do trabalho

1.1 Caminhos teóricos

Este artigo constitui-se, também, como um caminho para fomentar as discussões sobre racismo, preconceitos cultural e racial no Brasil, assim como propor uma reflexão e debate, que podem levar a uma (des) ou (re)construção de ideias aparentemente inflexíveis, sobre a forma como os africanos ainda são vistos na sociedade brasileira e, principalmente, como os estereótipos negativos são perpetuados pelas escolas e pelas mídias nacionais e internacionais. Dessa forma, por meio das narrativas ou relatos de experiências dos sujeitos

participantes desta pesquisa, pretende-se revisitar o que sociólogos e movimentos negros no Brasil têm indicado: que há um racismo estrutural e perverso na sociedade brasileira, resultado de anos de escravidão e, também, ao fato de o Estado brasileiro ter promovido, tardiamente, políticas públicas que favorecessem a liberdade e o exercício da cidadania dos negros escravizados e seus descendentes.

Assim, pretendemos, ao final deste trabalho, promover uma reflexão sobre o continente em questão, mostrando uma África que não seja a estigmatizada, estereotipada e esquecida pelo dito mundo moderno, tal como foi no período das colonizações. Desta forma, as narrativas constituem-se como um caminho para mostrar que existe um continente ainda pouco conhecido e explorado por nós brasileiros, de onde deveríamos buscar a origem da nossa ancestralidade étnica e pluricultural.

Por ser um processo que necessita levar em consideração a(s) cultura(s) e identidade(s) dos sujeitos envolvidos, como afirma Mendes (2010), o ensino e aprendizagem de línguas deve dar atenção às marcas de interculturalidade presentes nessa interação. Afinal, como acrescenta Moita Lopes (2013), precisamos direcionar o olhar para as relações entre linguagem e vida social, a partir da Linguística Aplicada brasileira, levando em conta como essa linguagem é usada nas diversas sociedades no mundo contemporâneo – ou modernidade recente.

Neste sentido, podemos afirmar que o conceito de identidade dialoga com o ensino de língua estrangeira, pois, como afirma Moita Lopes (2002), a partir da Análise do Discurso bakhtiniana, ao definir discurso como construção social e ação no mundo, é por meio dos processos de construção de significado que “as pessoas se tornam conscientes de quem são, construindo suas identidades sociais ao agir no mundo por intermédio da linguagem” (MOITA LOPES, 2002, p. 30). Entendemos as práticas discursivas, portanto, como manifestação desta linguagem, entendidas, neste contexto, como práticas sociais, processos de interação entre o “eu” e o “outro”, o que definimos como alteridade, no sentido de que a percepção que existe um “outro” diferente do “eu” nos faz conviver, entender, respeitar e aceitar as diferenças sociais. A identidade de cada sujeito, então, é formada a partir de contrastes entre mundos diferentes, em que se molda o “eu” a partir da distinção com o “outro”.

Para Hall (2006), a identidade do sujeito pós-moderno é mutável e não-fixa, assim como insere, também, Agier (2001, p. 10) em que assevera que “toda identidade, ou melhor,

toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva [...] é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato”. Em outras palavras, o sujeito “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13). Além disso, Hall (2006) ressalta que há um deslocamento dessas identificações, o que é um ponto importante se pensarmos no processo de ressignificação das identidades destes alunos africanos.

Ademais, como sugere Mungoi (2012), no contexto dos alunos africanos do PEC-G, há uma pluralidade identitária que se manifesta, portanto, numa tríplice identidade: a continental, a nacional e a racial. Desta forma, segundo o mesmo autor, devemos levar em consideração que uma possível (re) construção dessas identidades se inicia no momento em que o aluno africano entra em contato com as autoridades brasileiras e apresentam seus passaportes, indicando seu país de origem e, portanto, sua identidade nacional. Posteriormente, quando começam a frequentar o curso de português, nos seus primeiros contatos com os brasileiros e nas suas experiências pessoais, tais alunos são reduzidos e agrupados em “africanos”, como uma cultura única, assim, marcando a sua identidade continental.

Nesse tocante, a identidade racial determina aos alunos africanos fazerem parte, na sociedade brasileira, da raça negra, pois dentro da sua cultura e país na África, provavelmente estes alunos não sintam necessidade de serem assim atrelados a uma tipificação de raça, como é o caso aqui no Brasil, onde os brasileiros fazem essa marcação étnica, que interfere diretamente em outras questões da vida em sociedade.

Logo, a identificação por raça, de fato, pode ser algo novo para muitos dos alunos africanos, como eles mesmos indicam isso nos relatos de experiências, quando narram as vivências sobre o racismo. Neste contexto, os alunos africanos afirmam que tinham conhecimento do racismo, estudaram sobre isso na escola, mas só vivenciaram aqui no Brasil.

Desta forma, é importante pensarmos em um processo de ressignificação das identidades dentro deste contexto de mudanças e deslocamentos possíveis que vivem os estudantes africanos no Brasil. Assim, estes sujeitos afirmam em suas narrativas/falas que o olhar do “outro” sobre eles não muda o que eles pensam sobre eles mesmos e suas identidades africanas, mas, por outro lado, como afirma Hall (2006), pela flexibilidade das identidades, de fato, o contato com o “outro” interfere na nossa identidade e ajuda a

desconstruir e reconstruir o que pensamos sobre nós mesmos. Por outro lado, os preconceitos ou estereótipos direcionados aos alunos africanos podem fazer com que eles assumam, a partir do contato, uma posição de maior empoderamento e defesa da sua cultura, como forma de proteção e/ou reafirmação das suas raízes. Afinal, se antes eles viviam livremente suas culturas, sem qualquer olhar crítico negativo, agora eles precisam rever suas identidades para consolidá-las.

Diante dos séculos de colonialismo e imperialismo europeu, o contexto e a realidade atuais da África são consequências desses processos violentos de aculturação e colonização, o que resultou em um apagamento do passado e do presente dos países desse continente. Todavia, apesar do cenário sempre negativo, de pobreza, subdesenvolvimento e problemas políticos que é comumente apresentado em várias referências sobre a África atual, busca-se, nesta discussão, propor uma outra visão sobre tal continente.

Neste ínterim, cabe analisarmos o conceito de raça, que ainda permeia as discussões atuais dentro do campo político, cultural, educacional e histórico nas sociedades do mundo, especialmente no Brasil, que é o nosso contexto de pesquisa, afinal, aqui nos habituamos a conviver com a ideia de raça, que já está embutida, internalizada, na nossa mente e nas nossas relações interpessoais devido ao racismo estrutural e à educação social que recebemos, seja da família, escola ou por meio da mídia.

Assim, segundo Munanga (2003), podemos refletir que, para muitos alunos africanos, a ideia de raça ou a ideia de pertencer a uma raça negra nasce aqui na sociedade brasileira, a partir das experiências coletivas e individuais deles, em que estes demarcam e ressignificam suas identidades em torno da “raça”, pois se defrontam com situações de discriminação racial, que são marcadas por estereótipos. Portanto, segundo o mesmo autor:

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça sempre apresentada como categoria biológica, isto é, natural, é de fato uma categoria etno-semântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça pré-determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é étnico-semântico, político-ideológico e não biológico (MUNANGA, 2003, p. 6).

Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A

variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal, merece uma explicação científica. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo. A classificação é um dado da unidade do espírito humano (MUNANGA, 2003, p. 2).

Sendo assim, fica claro que a ideia de raça não está no viés biológico, mas relacionada às questões ideológicas e separatistas, marcando as relações de poder e dominação dos povos brancos sobre os negros. É este conceito de raça que define o racismo como “um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo” (RIBEIRO, 2018, p. 39) e que “[...] para haver racismo deve haver relação de poder, e a população negra não está no poder” (RIBEIRO, 2018, p. 43).

Outrossim, Batista (2018), em sua resenha sobre a obra “O que é racismo estrutural?”, de Silvio Luiz de Almeida, esclarece questões pertinentes sobre o racismo e sua configuração na sociedade atual brasileira. A autora afirma que Almeida (2018) apresenta uma distinção entre os três conceitos: preconceito, racismo e discriminação. Para o autor, então, segundo Batista (2018, p. 2582), o preconceito “deve ser entendido como a construção e definição de conceito sobre determinada pessoa ou grupo, estabelecida por fatores históricos e sociais”; quanto ao conceito de discriminação, este é definido de maneira muito objetiva: “é dar tratamento diferenciado em razão da raça” (BATISTA 2018, p. 2582). O racismo é definido, então, como:

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam (BATISTA, 2018, p. 2582 *apud* ALMEIDA, 2018, p. 25).

No Brasil, por conta disso, o racismo é estrutural e velado; velado porque as instituições sociais e as pessoas não se reconhecem como racistas, tendo ações discriminatórias silenciosas diariamente, ou seja, os brasileiros não se assumem racistas, mas, no seu inconsciente coletivo, agem e pensam de forma racista, como justifica Munanga (2003), quando afirma que essas hierarquizações raciais e sociais sobreviveram ao tempo e estão, por causa disso, mantidas no imaginário coletivo das novas gerações.

Logo, segundo Giddens (2012), a raça é a reprodução de padrões de poderes e desigualdade dentro da sociedade, enquanto o preconceito é baseado em estereótipos, que representam as características inflexíveis e fixas de um grupo de pessoas. Os “estereótipos”, segundo o mesmo autor, têm um pouco de verdade, enquanto outros representam apenas um mecanismo de deslocamento em que o sentimento de hostilidade ou raiva são direcionados contra objetos que não são a origem real desses sentimentos; nesse sentido, compreendemos “objetos” como um “alvo”, que podem ser pessoas ou grupos sociais diversos, mas que, normalmente, representam uma minoria. Assim, os estereótipos “são embutidos em visões culturais e são difíceis de desfazer, mesmo quando são distorções grosseiras da realidade” (GIDDENS, 2012, p. 455).

Para finalizar, Ribeiro (2018) nos apresenta algumas reflexões interessantes sobre a questão do estereótipo na cultura brasileira. A autora afirma que as mulheres, negros e mulheres negras, grupos historicamente discriminados, carregam estigmas e estereótipos criados pelo machismo e racismo e que, como objetos da discriminação, são transformados em estereótipos. Ademais, promovendo uma relação entre discriminação e o conceito de estereótipo, Ribeiro (2018, p. 56) define:

Estereótipos são generalizações impostas a grupos sociais específicos, geralmente aqueles oprimidos. Numa sociedade machista, impõe-se a criação de papéis de gêneros como forma de manutenção de poder, negando-se humanidade às mulheres. Dizer, por exemplo, que mulheres são naturalmente maternais e que devem cuidar de afazeres domésticos naturaliza opressões que são construídas socialmente e que passam a mensagem de que o espaço público não é para elas. O mesmo ocorre com pessoas negras: a ideia de que toda negra sabe sambar ou de que todo negro é bom de bola (desde que não seja goleiro) são estereótipos que têm por finalidade nos manter no lugar que a sociedade racista determina.

No Brasil, construir e disseminar uma imagem pobre e de inferioridade da África contribui para a manutenção do racismo e da desigualdade social aqui e lá, afinal, um povo que não conhece sua história e a realidade tal como ela foi ou é, jamais poderá se afirmar com dignidade e respeito. Assim, o estereótipo negativo sobre o continente africano é justificado pelo longínquo processo de exploração e escravidão vivido pelos africanos, bem como a ganância das grandes nações no mundo durante o período da colonização e pós-independências.

Em vista disso, a realização deste trabalho justifica-se no enriquecimento da

discussão sobre o processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, a partir de uma LA Indisciplinar, que leva em conta os sujeitos e o contexto social e intercultural em que estes estão inseridos. Esperamos, então, que os resultados desta pesquisa, com foco nos estudos sobre estereótipos e identidades, possam ser levados para discussões dentro das universidades brasileiras e do exterior, escolas públicas e privadas, a fim de cumprir a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que diz respeito ao ensino da história e cultura africanas e afro-brasileiras.

Além disso, pretende-se contribuir, primordialmente, a partir do contexto de ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira, com a problematização e desconstrução de estereótipos sobre as culturas dos sujeitos aprendizes, pois, desta forma, proporcionamos um diálogo sobre empoderamento africano dentro de um ambiente institucional e educacional, ajudando, também, a problematizar e reconhecer as feridas do racismo e preconceitos cultural e racial no nosso país e no mundo.

1.2 Ensino de Línguas e contexto de pesquisa

Posto isto, fica evidente que o ensino de PLE/L2 para alunos africanos envolve questões que vão além da escolha adequada da metodologia, dos materiais didáticos, do planejamento de curso e formação de professores. Afinal, os sujeitos em questão, por carregar suas experiências individuais como aprendizes natos de várias línguas, precisam lidar, aqui no Brasil, com outras questões sociais que influenciam no processo de aquisição do português, como os choques culturais relacionados às questões identitárias, que envolvem os preconceitos dos brasileiros, o racismo estrutural e os estereótipos negativos sobre seus países e culturas. Por isso as aulas e cursos devem ser pensados levando em conta esse contexto sociopolítico, possibilitando processos de interação saudáveis e que permitam diálogos pacíficos a respeito da (re)significação de suas identidades individuais e coletivas.

Por conta disso, em um contexto de ensino de Língua Estrangeira, a escolha pelo ensino não mais voltado à estrutura linguística, mas à prática oral e escrita de gêneros utilizados no dia-a-dia dos aprendizes, assim como a apresentação de elementos culturais, a partir de materiais autênticos, faz-se necessário. Outro fator relevante é a situação de imersão, que requer uma metodologia diferenciada, assim como mecanismos de ensinos que

levem em conta às necessidades comunicativas desses sujeitos, como o saber lidar com o racismo, identificando-o nos comportamentos, falas, expressões dos habitantes locais.

Cada grupo de discentes que objetiva o aprendizado do PLE vai exigir indiretamente (ou diretamente) métodos eficazes para aquele perfil ou para seus objetivos específicos. Neste sentido, ensinar PLE para alunos europeus, falantes de italiano, inglês, espanhol ou francês, é diferente de ensinar a um grupo de estudantes latinos que também falam espanhol, por exemplo, ou para um grupo de alunos africanos que, além da diversidade cultural e linguística da qual fazem parte, convivem com os estereótipos produzidos por outrem.

1.3 Análise de dados

Neste tópico, mostraremos quais foram alguns dos estereótipos vivenciados pelos alunos africanos durante suas experiências em Salvador, cidade com população mais negra depois da África. Relembramos que os resultados obtidos foram respostas de uma entrevista semiestruturada feita com oito alunos que se voluntariaram para participar da pesquisa. Essa entrevista foi organizada em nove perguntas, mas focaremos apenas em responder as duas principais que norteiam a pesquisa: “Quais os estereótipos sobre a África?” e “O olhar do outro (brasileiro) (re)significa o ser Africano?”. Desta forma, seguimos para a apresentação dos estereótipos recorrentes na fala de dois dos alunos participantes.

Estas perguntas mencionadas anteriormente vão ao encontro da discussão sobre os preconceitos acerca da África, descrevendo os estereótipos que emergiram na fala desses sujeitos. É importante ressaltar que a pergunta não foi feita diretamente, como se apresenta, mas sim de forma mais aberta, dando espaço para variadas respostas e possíveis reflexões.

Destacamos que os trechos dos relatos de experiências de cada aluno foram agrupados e organizados juntamente às perguntas, além de serem transcritos exatamente como os alunos responderam, mantendo os equívocos linguísticos quanto à estrutura, justamente como uma forma de marcar a produção oral destes sujeitos aprendizes do Português ainda em nível intermediário. Além disso, identificamos os participantes das pesquisas a partir de números, evitando identificá-los de forma linear, com os nomes próprios, por uma questão ética da pesquisa. Começamos com as respostas da pergunta “Quais os estereótipos sobre a África?”:

Participante 01:

“[...] E quando eu estava esperando eu encontrei uma mulher que é mais ou menos assim Velha e ela me perguntou se lá na África, bom a gente conversou que eu venho da África, e ela me perguntou se lá a gente tem escola. (risos)”

Participante 04:

“[...] Tem isso na África? Tem isso na África? Tem isso no seu país? Essa questão sobre comida, sobre coisas que pessoas usam dia-a-dia. Também os vestidos, comida... É, são essa coisa, eles quer conhecer o que a gente comer lá, como a gente... se os vestidos são mais caros aqui ou lá. Tem muitas pessoas acham que a África todo é pobre, mas não é assim. Tem lugares onde tem a pobredade (pobreza). Tem lugares onde também as pessoas são ricas.”

Participante 05:

“[...] Para acabar posso dizer também que tem as perguntas sobre se eu estou aqui só para estudar algo ou pra fugir, por exemplo, de uma guerra civil na África.”

Participante 06:

“[...] Eu encontrei muita pessoa que acha que a África é como na floresta, todo mundo sem as roupas, sem sapato, caçando os animais, mas não é assim. Como aqui no Brasil. Então é a mesma coisa.”

“[...]Eu fui pra uma igreja e depois do culto eu estava conversando com um irmão dessa igreja e um deles perguntou “Lá na África tem leão?”. Ele disse “Quando você tá em casa o leão pode sair da floresta e pegar uma pessoa?” (risos). Eu disse que não, é uma cidade como aqui, tem lugares que tem leão como num jardim zoológico, tem também um parque especial para visitar os animais”. “[...] Além disso, quando eu encontro brasileiros eles acham que África tem pobreza, em cada lugar tem pobreza. Então ele acha que não tem carro nas ruas como aqui, não, ele acha que todo mundo é sem roupas, então é como na floresta. Mas não é assim, a África é verdade que tem pobreza, mas não em todo lugar.”

Participante 07:

“Tem às vezes eu fico chateada com algumas perguntas. Um dia eu fui para o shopping da Barra para fazer as compras com os meus amigos, aí uma pessoa perguntou assim: “Lá em África tem leões na rua?”. Eu fiquei muito chateada.”

“Tem uma pessoa que perguntou assim: “Como você fez para chegar até aqui? Você vem aqui

nadando?”. Eu falei assim: “ Foi meus pais que comprou a passagem para mim”.

Nos trechos apresentados anteriormente, é notório apenas a presença de estereótipos negativos, pois não encontramos positivos. Segundo Lima Oliveira e Pereira (2004), os estereótipos são crenças coletivas compartilhadas sobre algum atributo, característica ou traço psicológico moral ou físico atribuído a um grupo humano. Os autores também afirmam que há, neste contexto, estereótipos sociais de duas qualidades distintas: positivas e negativas, principalmente quando relacionados aos sentimentos, já que passam a constituir estruturas psicológicas de maior complexidade, como preconceitos sociais e atitudes. O que identificamos nas falas dos alunos africanos é uma visão dos brasileiros de uma África mítica, antiga, da tradição apenas oral, do enfoque nas tribos, rural e que não tem acesso ao desenvolvimento.

Destarte, notam-se, nos relatos, estereótipos que podem ser agrupados em 4 tipos: a) A África selvagem, vida na África que só tem floresta, onde as pessoas não usam roupas, ou sapatos e caçam animais, além de conviverem com leões soltos nas cidades e casas. É uma visão da África selvagem e rural, que remonta às tribos, a um continente sem desenvolvimento, fazendo as pessoas pensarem que lá o meio de transporte é cavalo ou leão; b) A África da pobreza, da miséria, sem escola e sem acesso a bens básicos e culturais, advindos da globalização moderna, como carro, internet, entre outros; c) a redução da África a um país, e não a um continente; d) a associação de todo africano a refugiado, o que é expresso nas perguntas e falas dos brasileiros sobre como foi que os alunos africanos vieram para Salvador, se foi nadando ou fugindo de alguma guerra civil.

Considerando o exposto, os estereótipos que surgiram reafirmam o que já tem sido discutido neste artigo: o imaginário brasileiro sobre o continente africano ainda está muito ligado ao processo de imposição cultural dos colonizadores, apagando, assim, a realidade cultural e identitária próprias desses países da África. Por isso, acreditamos que a manutenção desse discurso estereotipado pode interferir na questão identitária dos alunos e, quem sabe, no processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira, afinal, como os próprios assumem nos relatos, não é fácil viver rodeado de preconceitos culturais e racismo, é preciso ser muito forte para não ficar triste e nem se abater.

É importante ressaltar, também, que a forma como os discursos dos alunos é apresentada nos relatos, aponta para uma desconstrução dos estereótipos sobre a África, ou

seja, o fato de, indiretamente, criticar o posicionamento do brasileiro e o olhar dele sobre a identidade cultural africana, é um caminho para reivindicar a mudança de pensamento sobre a África. Posto isto, caminhamos para a pergunta seguinte: “O olhar do outro (brasileiro) (re)significa o ser Africano?”.

Os resultados nos indicam duas possibilidades. Por um lado, os alunos africanos inferem que os estereótipos ouvidos não os afetam emocionalmente ou psicologicamente, não os desestabilizam ou os colocam no lugar de inferioridade ou menos importante, muito pelo contrário, eles entendem esse olhar do outro como uma oportunidade de ensinar, explicar ou mostrar a verdadeira África, positiva e com habitantes que são o contrário do que os brasileiros pensam.

Por outro lado, analisamos que é possível, sim, que este olhar do outro (res)signifique as identidades destes sujeitos, pois os fazem repensar sobre o que é ser africano, de maneira que a mudança de lugar de referência física, cultural e social fizeram com que eles refletissem sobre a importância de marcar a sua identidade, as suas crenças e cultura. A seguir, vejamos as respostas dos alunos:

Participante 02:

“[...] Não, não, não. Eu sou africano, isso não vai mudar nada. Porque no meu país eu sou mais importante. Se você pensa que eu não é importante aqui, quando eu voltar para o meu país sou importante”.

Participante 05:

“[...] Acho que sim, porque quando estava lá na África, tinha as coisas que nunca pensava que um dia poderia refletir sobre essas coisas. Mas quando você muda de lugar, isso provoca uma mudança de pensamento, porque você pode ver outros tipos de pensamentos. [...] Então isso afetou a minha maneira de ver as coisas, de me considerar como africano. Eu vi que ser africano pra mim tem uma mais grande importância, porque pra mim é uma origem, pra mim é um modo de vida, pra mim é o que eu sou. Africano. [...] E aí a coisa que eu me penso é que eu tenho duas escolhas: seja eu desisto pra dizer que eu não sou africano para me acostumar com essa pessoa que tem um pensamento negativo sobre os africanos, ao eu me esforço sobre o meu pensamento que eu sou africano, que eu tenho um valor. Então, tenho que mostrar mais, quando tenho um ataque, que os africanos são assim. Eu tenho que mostrar as vantagens de ser africano”.

Participante 06:

“[...] Eu sou uma pessoa muito forte, porque eu já encontrei muitas pessoas que tentou de fazer muitas coisas para me machucar, mas eu tinha um costume de me adaptar. Quando estou com pessoas, se eles são boa pra mim eu também vou ser assim. E se eu vejo que uma pessoa é racista, eu vou deixar ele. Porque a minha vida não depende dele. Eu tava no meu país, eu viajei até aqui, eu não sabia falar português, eu aprendi. Então, eu sou muito forte pra viver com os brasileiros mesmo se eles são racistas, porque aqui não é meu país. Eu to aqui só pra estudar. Vou estudar, depois vou voltar. Eu tenho minha família, com eles eu tenho tudo, no meu país tenho tudo. Eu não vou me sentir embaixo dele, menor que ele não. Eu penso que cada um deve respeitar os outros. Então se uma pessoa não me respeita eu vou me afastar dela”.

Participante 08:

“[...] Não, essa forma de olhar deles, me leva pra mostrar... me dá determinação pra mostrar pra ele que nós não somos o que eles estão pensando. Então quando na primeira vez vou ficar chateado, mas eu digo que ele não sabia, e é por isso que ele ta falando assim. E no dia que ele vai saber ele vai parar de falar assim. É assim, então eu acho que isso é missão pra mim dá informações sobre o meu país. E pra mim ser africano, ter a cor preta, é a melhor coisa que pode me acontecer, e aí eu não tenho vergonha de ser humano. Mas, muito pelo contrário eu sou muito feliz”.

Conclusão

A discussão feita neste artigo mostrou que as identidades dos alunos africanos são (re)significadas a partir do contato deles com os estereótipos que os brasileiros apresentam sobre eles e suas culturas africanas, seja em nível coletivo ou individual. Isto é comprovado pelo fato de que entra em jogo, neste contexto, contatos culturais entre os brasileiros e os alunos africanos, o que proporciona uma reflexão acerca das identidades culturais, quer seja em um viés nacional, quer seja em um continental dos sujeitos africanos envolvidos, que precisam repensar o “ser africano” diante dos estereótipos e preconceitos que surgem sobre ele e a África em que vive.

Afinal, quem sou eu quando saio do meu território e entro em contato com novos povos e culturas diferentes da minha? Como as pessoas me veem, como eu passo a me enxergar e como reflito sobre o olhar do outro acerca de mim? Dessa forma, os alunos africanos precisam lidar com o olhar negativo do outro sobre suas culturas, suas origens que, até pouco tempo, eram questões resolvidas, voltando, assim, o que Hall (2003, p. 28)

chama de ligação à “terra de origem”, às raízes, ao “elo umbilical” para reafirmar as suas identidades e torná-las mais resistentes.

Dessa maneira, como os próprios alunos africanos deixam claro nos seus relatos, conviver com preconceitos negativos sobre a África ou os estereótipos, fez com que repensassem a importância da valorização das suas culturas, que estão conectadas às identidades individuais e coletivas de cada um, assim também como compreenderam que os posicionamentos do brasileiro têm a ver com a falta de informação que lhes foi negada ou manipulada. Por isso, apesar dos alunos africanos se abalarem com os estereótipos, eles passam a ressignificar uma identidade que, até entrar em contato com o outro, estava estabelecida, resolvida por eles. Afinal, como afirma Mungoi (2012), são nos processos de deslocamento que as identidades são testadas e entra em jogo a ressignificação, a desconstrução e reconstrução dessas identidades, porque estas são inacabadas, mutáveis e estão sempre em mudança, como afirmam Agier (2001) e Hall (2006).

Por fim, salientamos como as aulas de PLE, no contexto do PROFICI, podem ser um ambiente favorável para a problematização/desconstrução desses estereótipos, através de uma metodologia de Ensino por Projetos que permite apresentações e debates, bem como podem favorecer a manutenção das culturas e história dos alunos africanos e dos países dos quais eles fazem parte. Além disso, outros hábitos interativos, como as novas redes de amigos brasileiros, viagens pelo Brasil, cursos, passeios, etc. possibilitam a prática oral e escrita da língua alvo, também podem ajudar tanto na aprendizagem do Português quanto para repensar os preconceitos existentes, de modo que os alunos possam perceber o olhar do outro sobre eles e comecem a repensar suas questões identitárias.

Referências

AGIER, M. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. Mana, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001.

ALMEIDA, S.L. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2018. (Feminismos Plurais/ coordenação Djamila Ribeiro).

BATISTA, M.W. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. *Rev. Direito Práxis*, Rio de Janeiro, Vol. 9, n. 4, p. 2581-2589, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdp/v9n4/2179-8966-rdp-9-4-2581.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. n. 19, p.20-28, 2002.

BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1990.

_____. *Making stories: law, literature, life*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2002.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOSSO, M.C. *Experiência de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

GIDDENS, A. *Sociologia*. Porto Alegre: Penso, 2012.

LIMA OLIVEIRA, M. E.; PEREIRA, E. M. (Org.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA, 2004.

MENDES, E. Por que ensinar língua como cultura? In: ÁLVAREZ, Maria Luisa; SANTOS, Percília. *Língua e cultura: no contexto de português como Língua Estrangeira*. São Paulo: Pontes Editores, 2010.p. 53-77

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.

_____. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 11-24

_____. (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente- Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

MUYLAERT, C. J. et all. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. In: *Rev Esc Enferm USP*. v.48, p. 193-199, 2014 (Esp2). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf> Acesso em: 30. jul. 2018.

RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ZOGHBI, D. M. O. O professor de línguas e a construção de identidades. In: SCHEYERL, Denise e RAMOS, Elizabeth (Orgs.). *Vozes olhares silêncios: diálogostransdisciplinares*

entre linguística aplicada e a tradução. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Vozes_Olhares_Silencios_Anais/Linguistica/Denise%20Zoghbi%20Pronto.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

ⁱ Mestra em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
E-mail: heideduarte@gmail.com
Lattes ID: 2761872677032985
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6145-698X>

ⁱⁱ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente Associada do Instituto de Letras, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).
E-mail: liviarad@yahoo.com
Lattes ID: 7561615314390584
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7137-5473>